

Brasileiros com colesterol não fazem dieta

Saúde

Segundo pesquisa, 9,2% da população tem índice considerado elevado, e, destes, 87,5% não tomam medicamento

Uma pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC) e o Instituto Vix Populi mostrou que dos 9,2% dos brasileiros que disseram ter o diagnóstico de colesterol elevado 87,5% não tomam medicamento nem fazem dieta.

O levantamento, em 70 cidades do País, baseará o movimento que a entidade pretende fazer para aumentar o acesso a medicamentos para o colesterol no Sistema Único de Saúde (SUS) e as ações preventivas.

Segundo o diretor-executi-

vo da SBC, Raimundo Marques Nascimento, o acesso é essencial principalmente por causa das evidências de que hábitos de vida saudáveis não são suficientes para derrotar o colesterol.

O Ministério da Saúde informou estar discutindo a expansão da distribuição dos medicamentos. De acordo com a coordenadora do Programa de Hipertensão e Diabetes da pasta, Rosa Sampaio Villa-Nova, também está em debate uma ação intergovernamental para aumentar o consumo e produção de frutas

e vegetais. A inspiração é a campanha norte-americana "5 a day", que estimula o consumo de cinco porções de frutas e outros vegetais por dia.

GENÉTICA - Nem só a má dieta e muita preguiça explicam os altos índices de colesterol. A genética também é justificativa para aqueles casos em que uma vida saudável não faz diminuir as taxas de gorduras no sangue.

"O defeito genético ou está onde o colesterol é produzido, no fígado, ou onde é absorvido, no intestino", resume o

cardiologista Raimundo Marques do Nascimento, diretor-executivo da SBC.

O alto índice de colesterol - cujo dia de combate é comemorado hoje - está ligado à formação, dentro das artérias, de placas de gordura que estreitam a passagem do sangue (aterosclerose). São fatores de risco para infarto do coração e derrame, doenças que mais matam no Brasil.

O cardiologista Raul Dias dos Santos, médico-assistente da Unidade Clínica de Lipídeos do Instituto do Coração (Incor) de São Paulo, diz que

recentemente colocou uma ponte de safena em uma menina de 13 anos que, portadora da doença rara, tinha índices de colesterol perto de 800 mg/dl.

Santos diz que o ideal é que, diante de uma suspeita da doença, seja investigada toda a família. Foi o que aconteceu na casa da nutricionista Laila Shayboun Ghatai, de ascendência libanesa.

Pais, irmãos, sobrinhos, tios e primos possuem a forma heterozigótica da hipercolesterolemia (a mais frequente) e se tratam com remédios de úl-

tima geração, dieta e exercícios. "Todos se cuidam bastante. Nunca tivemos morte na família associada à doença", diz a nutricionista.

Outra forma de defeito genético é o que faz com que os receptores de LDL não sejam reconhecidos, explica Raul Cisternas, do Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Santa Casa e um dos maiores especialistas sobre o assunto no Brasil atualmente.